



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à despedida dos atletas que estarão nas Olimpíadas de Atenas

Brasília-DF, 09 de julho de 2004

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro de Estado do Esporte,

Meu querido companheiro Luiz Gushiken, ministro de Estado chefe da Secretaria de Comunicação do Governo e Gestão Estratégica,

Meu caro Nuzman, presidente do Comitê Olímpico,

Meu caro deputado Ivan Ranzolin,

Meus queridos meninos e meninas do nosso país,

Convidados,

Meu caro Bernard, prazer. Uma pena que nunca pude te enfrentar num jogo de vôlei, para você saber como é que eu era jogador de vôlei.

Toda vez que venho falar aqui, eu venho com um discurso por escrito. Mas a minha vontade mesmo não é ler o meu discurso, porque o Nuzman já falou grande parte das coisas que eu tenho aqui, e o Agnelo falou outra parte. Mas eu queria ter uma conversa com vocês nesta despedida.

Vocês são parte da população brasileira que conquistou um espaço, seja na vida pessoal ou familiar, seja no mundo do esporte, que outros milhões de jovens, meninos e meninas, não conseguiram. E, ao mesmo tempo, vocês conseguiram se tornar uma parte da sociedade brasileira que, pensando nas Olimpíadas, conseguiram ultrapassar todos os obstáculos colocados à frente de vocês, conseguiram atingir as exigências do Comitê Olímpico, e por isso foram premiados pelo esforço e aqui estão, preparados para a próxima batalha. E nessa coisa, o difícil é que cada batalha é mais difícil que a outra.



E agora vocês chegam nas Olimpíadas e vão ter – além de enfrentar outros atletas que se prepararam tanto quanto vocês, alguns em condições mais favoráveis, outros em condições menos favoráveis – um outro adversário, que é o estado psicológico e emocional que cada um fica na hora do enfrentamento, na hora da batalha, a boa batalha, a batalha pela paz. E eu fico sempre imaginando, e dizia isso ao Nuzman, que vocês são aquela parte que nós consideramos a parte sadia de uma sociedade onde nem todos têm oportunidades.

Quando o Agnelo dizia: “Nós perdemos atletas porque não temos ainda uma boa política de achar talentos nas escolas”, o que me deixa triste é perdemos esses talentos por falta de oportunidade e, muitas vezes, a falta de oportunidade leva um jovem, um menino ou uma menina, que poderia ter um futuro extraordinário, a entrar no mundo do narcotráfico, no mundo do crime organizado, ser vítima do crime organizado ou do narcotráfico. E a sua oportunidade desaparece.

No Brasil, durante muitos e muitos anos – e eu quero aproveitar para dizer isso na frente dos presidentes das federações, das confederações, do nosso querido Nuzman e de vocês, atletas – não se levou a sério a questão do investimento no esporte. Aliás, toda vez que se fala em investimento em determinadas coisas, no Brasil, seja na educação fundamental ou no esporte, tratamos isso como se fosse um gasto e não como investimento. Está havendo uma inversão de valores porque muitas vezes, estes filmes que nós passamos ali, mexem com a auto-estima.

Obviamente, todo mundo quer ganhar medalha de ouro, quem é que não quer chegar em primeiro lugar? Mas nem todo mundo consegue.

E no Brasil, também, se adquiriu o hábito de só se receber quem traz medalha de ouro. O coitado do atleta que não consegue ganhar, mesmo depois de fazer um sacrifício enorme, de passar a noite sem dormir, nervoso, por causa da disputa no dia seguinte, volta para o seu país e, às vezes, nem a



família está esperando no aeroporto, porque ele não trouxe medalha. Jornalista, nem se fala, governante, então, nem aparece. Todo mundo gosta, mesmo, é de receber quem traz medalha de ouro no pescoço. Ou seja, é como se numa guerra, os soldados que morreram não tivessem a mesma importância dos que ficaram vivos na batalha a que se submeteram.

Essa relação depende muito da concepção política, da compreensão política que tenha cada governante, seja ele municipal, estadual ou federal. É preciso, então, mudarmos um pouco essa cultura de procedimento e de comportamento, para que a gente possa fazer com que os nossos jovens saibam que o governo não tem que dar importância só aquele que pode trazer a medalha, ou àquele que está indo agora, como vocês, para as Olimpíadas.

Os que não conseguiram a média que vocês conseguiram não têm menos importância que vocês. Possivelmente não estivessem tão preparados como vocês. Mas cabe ao Estado brasileiro garantir que essa pessoa tenha a oportunidade de, na próxima, estar junto com vocês. E, ao mesmo tempo, garantir que, na próxima, vocês melhorem suas condições.

Quando assisti as Olimpíadas de Sidney, e sabendo o que aconteceu antes das Olimpíadas, para que a Austrália tivesse o desempenho que teve, eu tomei conhecimento do Centro de Excelência que eles construíram. Ou seja, na medida em que se detecta que tem uma brasileira ou um brasileiro que, desde pequeno, tem aptidão para praticar um determinado tipo de esporte, você não só tem que criar as condições para que mesmo na infância ele já comece a praticar, como é importante que a gente crie as condições para que esse jovem possa começar a freqüentar um Centro de Excelência. E o Estado e as empresas, públicas e privadas, que no Brasil contribuem muito pouco, possam assumir a responsabilidade com o tipo de brasileiro ou brasileira que nós vamos formar. Porque o esporte não é só medalha, o esporte garante, sobretudo, a certeza de que vocês simbolizam a parte saudável da nossa



população; que vocês simbolizam a parte da nossa população que serve de exemplo de comportamento e dedicação.

Porque muita gente, quando vê vocês vestidos bonitos assim, emocionados, indo para as Olimpíadas, acha que é fácil. Agora, as pessoas não levam em conta quantos dias da semana vocês não foram a lugar nenhum, a não ser para treinar. Em quantos domingos ou sábados vocês deixaram de paquerar, de ir a um botequinho ou fazer qualquer coisa, porque precisavam treinar. As pessoas só se lembram da imagem boa de vocês vestidos assim. As pessoas não sabem o que vocês passaram para chegar até aqui. E cabe a nós, governo, criar as condições, Nuzman, para que milhões de jovens deste país possam ter, a partir do ensino fundamental, a oportunidade de praticar alguma coisa. E as crianças só vão demonstrar se têm aptidões ou não para uma prática esportiva, se onde elas freqüentarem houver a possibilidade de elas, inclusive, terem escolha.

Eu fico olhando muitas escolas públicas no Brasil, hoje, e o que percebo é que elas são quase todas como um caixote, são todas um monte de concreto armado. O que tem de lazer, no máximo, é uma quadra que normalmente não tem rede, não tem cesta, não tem nada, ou seja, está abandonada. Na verdade, nós precisamos mudar a cultura dos nossos governantes para que compreendam que a escola fundamental é a base que poderíamos criar para que as crianças tivessem ali a possibilidade de fazer as suas opções, de começarem ali a fazer o seu primeiro treinamento, porque nem todo mundo tem um pai com disposição de apostar no filho e levá-lo a chegar até onde vocês chegaram.

É por isso que eu quero desejar a vocês a sorte que, certamente, os pais de vocês estão desejando. Quero dizer para vocês que, agora, vai depender muito de vocês. Vocês chegaram até aqui com muito sacrifício e as condições materiais estão colocadas.

Eu me lembro, não sei se foi o Nuzman que disse, quando nós



montamos a nossa primeira grande seleção de vôlei: “Pela primeira vez tratamos profissionalmente a questão do vôlei e tratamos os atletas como profissionais. Demos as condições.”

O Brasil quando foi campeão do mundo em 58, foi porque, pela primeira vez, o Brasil se preocupou em tratar os dentes dos jogadores e, na concentração, jogadores famosos que vocês já viram pela imprensa, tiveram que arrancar três ou quatro dentes, porque não tinham mais conserto.

As condições materiais estão dadas. Quem sabe não na perfeição que precisamos dar mas, possivelmente, mais do que foi feito em qualquer outro momento da nossa história. E precisamos aperfeiçoar, precisamos dar a vocês as condições para, quando chegarem nas Olimpíadas, vocês dizerem: “Bom, eu tive todas as condições, não me faltou nada, eu tomei café bem, almocei bem, jantei bem, tive as melhores máquinas, os melhores espaços para treinar, os melhores técnicos, ou seja, não me faltou nada, agora depende mim.” E se não der, nós temos que, de vez em quando, ter a humildade de reconhecer que tem alguém que se preparou mais do que nós e conseguiu aquilo que nós não conseguimos.

E eu quero que vocês, ao começar a disputa, tenham consciência que daqui nós estaremos torcendo, porque eu acompanho muito o esporte. Eu, esta semana, liguei para o Felipão. Se ele tivesse ganho da Grécia, eu não teria ligado, porque quando se ganha todo mundo liga, todo mundo manda um telegrama. Agora, quando se perde, no dia seguinte você é capaz de ir ao restaurante sozinho e ninguém falar boa noite para você. Eu resolvi ligar pelo reconhecimento do trabalho dele, pela seriedade. E vocês podem ficar certos que nós estaremos acompanhando. O Agnelo, sobretudo, tem obrigação de não perder nenhum momento em que o Brasil entre para disputar qualquer uma das modalidades.

E nós estaremos torcendo. É verdade que estaremos torcendo para vocês ganharem medalhas sim, mas é verdade que estaremos torcendo muito



mais do que isso, para que vocês dêem de vocês o máximo que puderem dar, sem perderem de vista que ninguém tem que ganhar por obrigação. Vocês não estão numa guerra, vocês estão numa Olimpíada que simboliza, sobretudo, um momento maior de paz no mundo conturbado. E vocês fazem parte de um país que está organizando uma coisa estupenda, Nuzman.

Se Deus quiser, no dia 18 de agosto, se as condições estiverem colocadas, nós vamos levar a Seleção Brasileira de futebol para jogar no Haiti, pela paz no Haiti. É um símbolo, é um gesto para demonstrar que nós queremos que o mundo viva em paz e não em guerra. E vocês, nas Olimpíadas, estarão simbolizando isso, vocês serão a porção brasileira lá nas Olimpíadas, fazendo o que estiver dentro da alma de vocês, dentro da resistência física de cada um.

E eu espero que, quando vocês voltarem, a gente possa recebê-los aqui, outra vez. Mas não queremos receber apenas os que têm medalha, como já fizemos outra vez. Nós queremos os que trouxeram medalhas, os que tiveram ouro, bronze e prata, mas também os que não tiveram nenhuma medalha, porque eu sei que, mesmo sem medalha, eles deixaram o suor e a lagrima de um brasileiro. Eu já vi tantos de vocês chorarem, quando perdem uma prova, porque eu sei que aquilo está na alma de vocês, no coração de vocês.

Eu quero que vocês saibam que nós estaremos torcendo. Mas torcendo com o coração, no bico do tênis, para que todos vocês obtenham a realização do sonho, daquilo que vocês tanto se prepararam para conquistar: primeiro, ir às Olimpíadas; segundo, ganhar as provas que puderem ganhar. E mesmo não ganhando, nós estaremos de braços abertos reconhecendo que vocês são o símbolo da auto-estima da juventude brasileira e do povo brasileiro.

Boa sorte para vocês. Que Deus abençoe cada um de vocês e que dê forças para vencerem.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República
